

BOLETIM ECONÔMICO Nº7



Associação dos Agentes de
Fornecedores de Equipamentos e
Insumos para a Indústria Gráfica.

DESEMPENHO GERAL DO SETOR

O avanço de 8,9% da atividade da indústria brasileira, verificado em junho de 2020, na série com ajuste sazonal, com crescimento pelo segundo mês seguido, não foi suficiente para reverter a queda de 26,6% acumulada no período de março-abril de 2020. No acumulado de janeiro a junho de 2020, frente a igual período do ano anterior, o setor industrial mostrou contração de 10,9%, com resultados negativos em 21 dos 26 setores pesquisados pelo IBGE, refletindo os efeitos do isolamento social (por conta da pandemia da COVID-19) e que afetou o processo de produção em várias unidades industriais no país. É nesse contexto que se apresenta o resultado semestral da indústria de máquinas e equipamentos gráficos onde se constata declínio de 16% nas importações e de 3,8% no emprego. As baixas de diferentes intensidades nas importações nos segmentos de OFF Set Plana (-12%), OFF Set Rotativa (-23%) e Impressão digital (-18%), resultam, respectivamente, da diminuição não tão abrupta da atividade de fabricação de embalagens (-2,5%), sustentada pelas compras on-line e delivery, queda de 12,3% nas vendas de livros em volume no mercado editorial, além da crise gerada pelo fechamento das portas de muitas gráficas rápidas nos meses de aplicação da política de isolamento social, o que acarretou em 1.866 demissões naquele segmento. Portanto, vale destacar que – mesmo com o desempenho positivo mais acentuado na indústria nos meses de maio e junho – a indústria brasileira como um todo ainda se encontra 27,7% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011.



O resultado semestral da indústria de máquinas e equipamentos gráficos é de queda de 16% nas importações e de 3,8% no emprego."

Fonte: Comex Stat e Novo Caged

DESEMPENHO GERAL DO SETOR

Tabela 01. Desempenho na indústria, comércio e serviços

Em variação (%) | Até junho de 2020

Indicadores	Mês / Mês do ano anterior	Ac. Ano	12 meses
	Jun20/Jun19	Jan a Jun 20/ Jan a Jun19	Jul19 a Jun20/ Jul18 a Jun19
Produção na Indústria Geral			
Produtos diversos de papel, cartolina, papel-cartão e papelão ondulado	-3,7%	0,2%	-0,4%
Atividade de impressão*	-19,2%	-33,6%	-14,3%
Fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins	-1%	-10,9%	-5,2%
Produção na Indústria de Embalagens			
Embalagens de papel, cartolina, papel-cartão e papelão ondulado	-0,2%	-2,5%	-1,8%
Embalagens de vidro	-21%	-12,8%	-2,4%
Embalagens de metal	-11,5%	-12,5%	-4,5%
Embalagens de plástico	11%	1,8%	1,5%
Serviços **			
Audiovisuais, de edição e agências de notícias	-36,5%	-15,9%	-4,2%
Comércio (Volume de vendas)			
Livros, jornais, revistas e papelaria	-39,5%	-28,7%	-20,3%
Varejo de livros no Brasil (SNEL)	-5,15%	-12,3%	N.D.

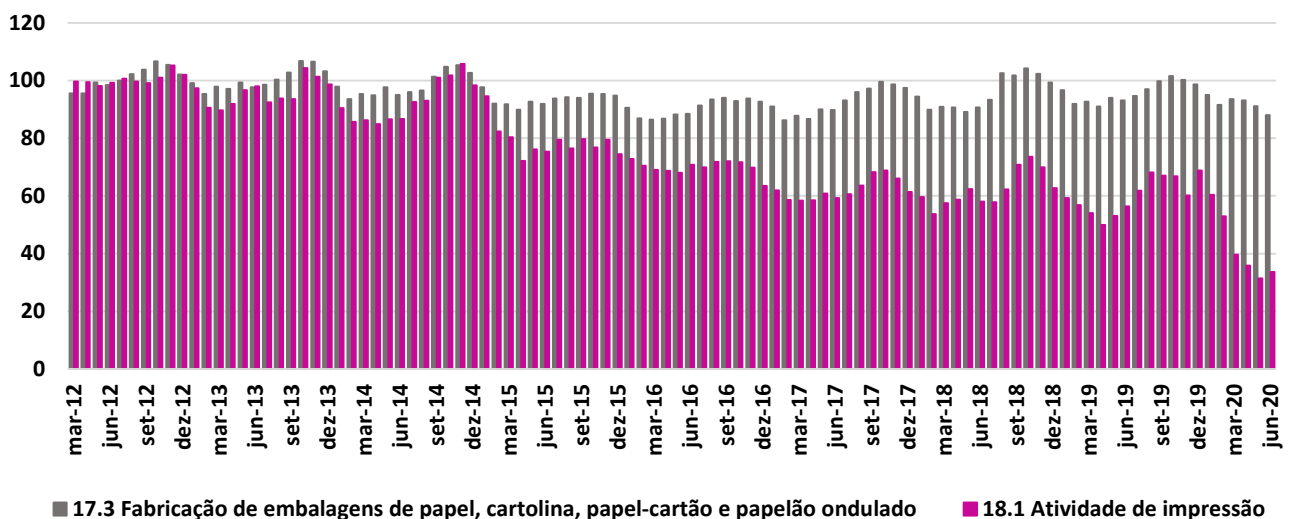
Fonte: PIM-PF/PMC/PMS -IBGE e SNEL| Elaboração: Websetorial

*Impressão em jornais, revistas, livros, papel moeda, etiquetas, rótulos, impressos publicitários e promocionais, inclusive em lona e vinil, bulas e manuais.

**Dados até Maio de 2020

Gráfico 01. Desempenho da produção na indústria

Número índice (Base 2012 = 100) - Média móvel trimestral | Até junho de 2020



DESEMPENHO DO EMPREGO NO SETOR

No acumulado de janeiro a junho de 2020, segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério da Economia houve o fechamento de 2.592 vagas na atividade que contempla, entre outras, a fabricação nacional de máquinas e equipamentos gráficos no Brasil, totalizando o contingente de 92.627 trabalhadores. No comércio desses produtos houve a criação de 1.029 vagas. No mercado consumidor de M&E Gráficos destaca-se o fechamento de 1.866 postos de trabalho nas gráficas rápidas. Já na indústria gráfica constata-se o fechamento de 26.789 vagas totalizando o contingente de 192.772 trabalhadores em junho, com queda de 12,2% no emprego neste setor em relação a dezembro de 2019. (Tabela 02)



Tabela 02. Evolução do emprego no setor

Em número de trabalhadores e variação (%) | Até junho de 2020

Categoria	Jun/20	Dez/18	Saldo das contratações	Variação %
			Jun20/Dez19	Jun20/Dez19
Indústria de insumos e M&E Gráficos	92.627	95.219	-2.592	-2,7%
Insumos gráficos, exceto papel*	42.370	42.620	-250	-0,6%
Indústria de M&E de uso específico**	50.257	52.599	-2.342	-4,5%
Comércio de M&E Gráficos***	25.801	26.830	-1.029	-3,8%
Mercado consumidor de M&E gráficos				
Gráficas rápidas	97.046	98.912	-1.866	-1,9%
Indústria gráfica	192.772	219.561	-26.789	-12,2%
Embalagens	33.703	35.643	-1.940	-5,4%
Etiquetas, cadernos, impressos comerciais e publicitários	43.201	49.957	-6.756	-13,5%
Editorial	58.008	66.525	-8.517	-12,8%
Material de segurança: cédulas, talões de cheques e ingressos	36.377	42.782	-6.405	-15,0%
Pré-impressão	14.689	16.176	-1.487	-9,2%
Acabamentos gráficos	6.794	8.478	-1.684	-19,9%

Fonte: Novo Caged/MTE e Rais 2018 | Elaboração Websetorial

*Conforme definido pela Portaria SEPRT nº 1.127, de 14/10/19, a partir de janeiro de 2020, a captação das estatísticas do emprego formal está em transição em função da substituição das declarações ao Caged pelo eSocial. O eSocial irá captar todas as informações que hoje constam no Caged, e assim, tem-se a continuidade das funções de hoje e, portanto, a evolução da principal fonte de informação sobre movimentações do emprego formal.

**Nota-se portanto uma alteração nos dados de emprego do setor adotados nos boletins anteriores.

COMÉRCIO INTERNACIONAL DOS PRODUTOS DO SETOR

No acumulado de janeiro a junho 2020, as importações de máquinas e equipamentos gráficos totalizaram o valor de US\$ 334 milhões, o que representou recuo de 16%, em relação ao mesmo período de 2019. Destacam-se nesse contexto, as importações de equipamentos para “Acabamentos” gráficos com o recuo de 37% e de 25% nas importações de equipamentos gráficos “Diversos”. (Tabela 03)

As exportações das máquinas e equipamentos gráficos também apresentaram retração de 24% no período em questão. Em valor, totalizaram US\$ 29 milhões, ante US\$ 38 milhões no mesmo período de 2019, com destaque para recuos de 60% nas exportações da categoria de “Off set rotativa”, e de 31% de equipamentos de “Impressão digital”.

A balança comercial de máquinas e equipamentos gráficos no semestre apresentou déficit de US\$ 305 milhões. (Tabela 04 e Gráfico 02)

Gráfico 02. Balança comercial de máquinas e equipamentos gráficos

Em milhões de US\$ | Acumulado de janeiro a junho de 2020



Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial



Tabela 03. Importações brasileiras de produtos, insumos e máquinas e equipamentos gráficos
Em mil dólares e variação (%) | Até junho de 2020

Segmentos	Ac. Ano		12 meses		Variação %	
	Jan20-Jun20	Jan19-Jun19	Jul19-Jun20	Jul18-Jun19	Jan20-Jun20/ Jan19-Jun19	Jul19-Jun20/ Jul18-Jun19
Indústria gráfica	82	123	234	267	-33%	-12%
Cadernos	2	2	5	4	-5%	7%
Editorial - Livros e revistas	37	45	95	107	-17%	-11%
Cartões impressos	0	29	40	56	-98%	-29%
Envelopes	0	0	0	0	5%	41%
Etiquetas Impressas	13	14	24	27	-11%	-11%
Embalagens Impressas	22	22	51	47	-1%	8%
Impressos Promocional e Comercial	8	11	20	26	-27%	-23%
Máquinas e equipamentos gráficos	334	397	784	814	-16%	-4%
Acabamentos	28	45	74	90	-37%	-17%
Diversos	40	54	101	123	-25%	-18%
Floxografia	59	67	132	143	-12%	-8%
Impressão Digital	114	139	252	275	-18%	-8%
OFF Set Plana	55	62	130	114	-12%	14%
OFF Set rotativa	45	59	94	100	-23%	-6%
Outras impressões	10	11	27	22	-10%	23%
Pré impressão	81	84	210	184	-4%	14%
Tipografia rotativa e plana	8	7	17	14	13%	22%
Insumos, exceto papel	164.933	171.501	218.500	225.287	-3,8%	-3,0%
Chapas	20	22	44	44	-9%	0%
Tintas	69	75	141	155	-8%	-9%
Filmes	2	2	5	3	-6%	83%
Outras chapas	6	9	13	18	-41%	-28%
Papel	116	190	293	380	-39%	-23%

Tabela 04. Exportações brasileiras de produtos, insumos e máquinas e equipamentos gráficos

Em mil de dólares e variação (%) | Até junho de 2020

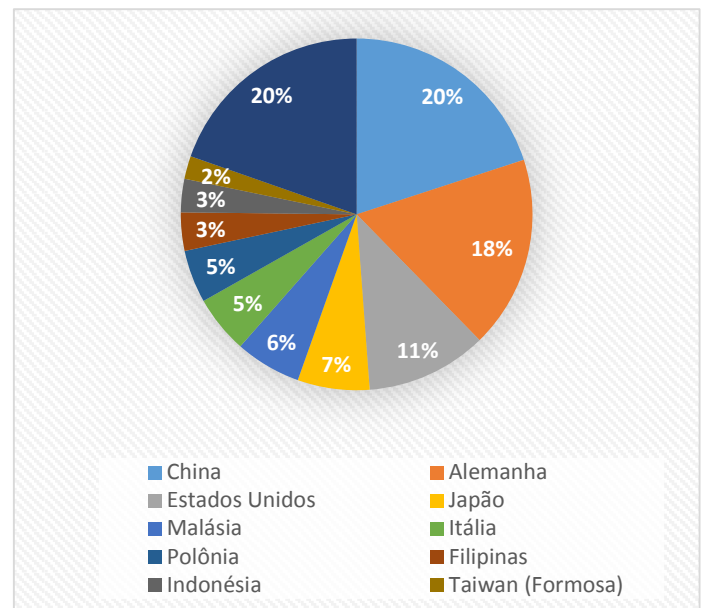
Segmentos	Ac. Ano		12 meses		Variação %	
	Jan20-Jun20	Jan19-Jun19	Jul19-Jun20	Jul18-Jun19	Jan20-Jun20/ Jan19-Jun19	Jul19-Jun20/ Jul18-Jun19
Indústria gráfica	97	141	224	276	-31%	-19%
Cadernos	15	19	22	24	-22%	-9%
Editorial - Livros e revistas	13	12	26	27	8%	-3%
Cartões impressos	2	28	21	67	-93%	-68%
Envelopes	0	0	0	0	47%	178%
Etiquetas Impressas	4	3	9	7	37%	16%
Embalagens Impressas	58	71	131	133	-19%	-2%
Impressos Promocional e Comercial	6	8	14	16	-25%	-14%
Máquinas e equipamentos gráficos	29	38	76	82	-24%	-7%
Acabamentos	6	5	11	14	7%	-22%
Diversos	1	1	1	1	-25%	24%
Floxografia	6	5	13	11	8%	23%
Impressão Digital	6	9	17	19	-31%	-12%
OFF Set Plana	5	7	12	16	-24%	-20%
OFF Set rotativa	3	8	6	13	-60%	-51%
Outras impressões	3	3	6	7	5%	-10%
Pré impressão	13	15	38	36	-14%	8%
Tipografia rotativa e plana	0	0	0	0	138%	157%
Total de insumos exceto papel	414	464	880	904	-11%	-3%
Chapas	9	11	21	23	-19%	-9%
Filmes	0,2	0,4	1	1	-58%	-15%
Outras chapas	11	12	26	27	-4%	-4%
Tintas	6	5	12	11	9%	4%
Papel	387	436	821	842	-11%	-3%

ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES DE M&E GRÁFICOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020

No acumulado de janeiro a junho de 2020, a China foi o principal país exportador de máquinas e equipamentos gráficos para o Brasil, totalizando o valor de US\$66,7 milhões, o que representou 20% de todas as importações de máquinas e equipamentos gráficos brasileiros. A Alemanha ocupou o segundo lugar, com importações brasileiras no valor de US\$ 59 milhões, ocupando a fatia de 18% das máquinas e equipamentos gráficos totais importados pelo Brasil no período em questão. (Gráfico 03)

No segmento de máquinas de impressão digital, apesar da China ser o principal *player*, com 17,6% do total deste mercado, outros três países dividem esse espaço, são eles: Malásia, Alemanha e EUA com a fatia de 16% cada. As importações chinesas também ocuparam a liderança nos mercados de equipamentos "Flexografia" e "Off Set Plana". Os fornecedores da Alemanha tiveram parcela significativa nos mercados de "Off Set Rotativa", com 49,8% do mercado e de "Outras impressões", com 66,2%. (Tabela 05)

Gráfico 03. Países de origem das importações brasileiras de máquinas e equipamentos gráficos - Em US\$ | Acumulado de janeiro a junho de 2020



Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

Tabela 05. Principais países de origem das importações brasileiras de máquinas e equipamentos gráficos - Em milhões de dólares e participação (%) | Acumulado de janeiro a junho de 2020

Segmentos	Total importado em US\$	Principal país de origem das importações	Valor importado do principal parceiro	Participação do parceiro no total (%)
Máquinas e equipamentos gráficos	334	China	66,7	20,0%
Acabamentos	28	China	6,8	23,8%
Diversos	40	Filipinas	10,8	26,7%
Flexografia	59	China	27,0	45,9%
Impressão digital	114	China	20,0	17,6%
OFF Set plana	55	China	23,0	42,1%
OFF Set rotativa	45	Alemanha	22,6	49,8%
Outras impressões	10	Alemanha	6,4	66,2%
Pré impressão	81	Polônia	16,1	19,9%
Tipografia rotativa e plana	8	Áustria	1,7	20,4%

Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

ANÁLISE DE MERCADO

INDÚSTRIA DE PAPEL E CELULOSE DIANTE DA COVID-19

O preço da celulose: Os preços de celulose na China seguem em queda, uma vez que os portos chineses estão com estoques cheios e houve forte queda no consumo de papel para imprimir. Segundo analistas, há sobreoferta no mercado global, agravada pela disponibilidade da fibra, que antes estava integrada à produção de papel. E, se não houver um movimento significativo de paradas para manutenção ou o fechamento de capacidades de alto custo, já a partir do terceiro trimestre, o desequilíbrio seguirá pressionando as cotações. O conselheiro fiscal suplente da Klabin, Geraldo Affonso Ferreira, indica que o momento delicado que estão enfrentando os produtores de celulose decorre da combinação das estratégias comerciais equivocadas, adotadas há cerca de um ano e meio, que geraram estoques excessivos de celulose no sistema, somados aos efeitos econômicos da Covid-19. Por isso, os preços só devem começar a se recuperar no primeiro trimestre de 2021. Fonte: FONTES, Stella. Preço da celulose cai mais na China com sobreoferta. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/07/09/preco-da-celulose-cai-mais-na-china-com-sobreoferta.ghtml>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Programas de ajuda com capital de giro: Grandes empresas brasileiras colocaram em execução programas de ajuda a micro e pequenos fornecedores, movimentando milhões de reais para garantir continuidade dos negócios, controlando os riscos de ruptura e buscando superar a crise desencadeada pela Covid-19. Com isso, asseguraram capital de giro àqueles fornecedores que poderiam sentir mais profundamente os efeitos da crise. Nomes como Suzano, Gerdau, Cosan, Ultra e Vale estão entre os que se mobilizaram. A Suzano deve ajudar parceiros com algo entre R\$ 14 e R\$ 16 milhões, com possibilidade de aumento no aporte, uma vez que o projeto original prevê a alocação de até R\$ 20 milhões. Outra frente aberta pela Suzano foi voltada aos seus clientes de pequeno e médio portes, com o intuito de garantir que

essas empresas tenham fôlego financeiro na retomada das atividades, à medida que o isolamento social vai sendo flexibilizado no país, via crédito, renegociação de dívidas e suporte na gestão do negócio. Com o cenário de pandemia, abril e maio foram os piores meses em vendas no mercado de papéis para imprimir e escrever e cartões. Gráficas, papelarias e copiadoras com receita de até R\$ 20 milhões por ano, que compõem o grupo visado pela Suzano, foram duramente afetadas pelo novo Coronavírus e têm dificuldade para acessar os recursos garantidos pelas medidas emergenciais. São cerca de 30 mil clientes de pequeno e médio portes que a Suzano tem atualmente. Com o novo programa, a companhia cobre todo seu universo de relacionamento, em termos de iniciativas e ações para reduzir os impactos econômicos da Covid-19. Fontes: FONTES, Stella. Na crise, Suzano ajuda pequenos fornecedores. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/05/29/na-crise-suzano-ajuda-pequenos-fornecedores.ghtml>>. Acesso em: 07 jul. 2020.; FONTES, Stella. Por retomada, Suzano amplia crédito a cliente a cliente. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/07/17/por-retomada-suzano-amplia-credito-a-cliente.ghtml>>. Acesso em: 10 ago. 2020.; FONTES, Stella. Por retomada, Suzano amplia crédito a cliente. Valor, São Paulo, 17 de julho de 2020, B2.

IMPACTO DA CRISE, DESEMPENHO E ESTRATÉGIAS DE FABRICANTES DE CELULOSE E PAPEL

Impacto do câmbio: A desvalorização do real frente ao dólar, iniciada em fevereiro de 2020, foi o suficiente para piorar o resultado das operações das empresas de capital aberto no Brasil, mesmo com um caixa reforçado em R\$ 110 bilhões, na comparação com o mesmo período em 2019. Algumas companhias com ações negociadas na B3 amargaram uma queda de quase 70% no lucro líquido, entre elas: Petrobrás, JBS, Suzano e Azul. Essas companhias obtiveram prejuízo atipicamente alto. O maior responsável pela explosão nas dívidas foi a escalada do dólar. Do primeiro pregão de janeiro ao último de março, a moeda americana comercial à vista sofreu uma valorização frente ao real de 29%, saindo da cotação inicial de R\$ 4,02 para R\$ 5,19. Segundo dados da FIPE, grandes empresas brasileiras – com o

capital aberto e fechado – têm 58% de sua dívida total fixada em moedas estrangeiras. E, de acordo com o Banco do Brasil, a dívida total em dólar das empresas no país está em US\$ 482 bilhões. A análise por setor indica que as companhias de papel e celulose e energia tiveram seus balanços mais afetados pelo aumento das citadas despesas financeiras.

Klabin: Por exemplo, a Klabin registrou, no primeiro trimestre, um aumento de 8% nas receitas com vendas, na comparação com igual período do ano anterior, porém viu suas despesas com dívidas saltarem de R\$ 597 milhões para R\$ 6 bilhões em 12 meses. Com isso, amargou um prejuízo líquido de R\$ 3,2 bilhões. Segundo a companhia, esse é um prejuízo meramente contábil. A dívida da Klabin, em dólar, corresponde a 79% da dívida total, mas é de vencimento a longo prazo, em média, 9,4 anos. Além disso, mais de 50% da receita também é em dólar. E diante disso a empresa tem um *hedge* natural. Já no segundo trimestre o volume de vendas da Klabin cresceu 5%, em relação ao mesmo período do ano anterior, refletindo a demanda maior por determinados itens durante a pandemia da Covid-19. Os papéis de embalagens foram os principais responsáveis pela alta, com aumento de 31 mil toneladas em relação ao mesmo período do ano anterior. Segundo a Klabin, o próximo trimestre deverá ser melhor para as vendas na divisão de celulose, uma vez que no mês de julho já houve melhora na demanda, em relação a junho. Agosto caminha com preços estáveis no mercado europeu e chinês pois, o país asiático está em realinhamento de estoques, e as vendas melhoraram na Europa e portanto ambos mercados indicam boas perspectivas futuras. Para o segmento de embalagens, a empresa espera repetir o bom desempenho obtido de abril a junho, com alta de 7% no volume de vendas. Segundo a diretoria de embalagem da Klabin, o desempenho do papelão ondulado deverá ser forte no terceiro trimestre, impulsionado por incentivos econômicos do governo e maior consumo de supermercados. Fontes: BRANDÃO, Raquel. Klabin vê melhora na demanda por celulose em julho. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/08/06/klabin-ve-melhora-na-demanda-por-celulose-em-julho.ghtml>>. Acesso em: 10 ago. 2020.; JAKITAS, Renato. Alta do dólar pressiona dívida e derruba lucro das empresas em 70% no trimestre.

Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,alta-do-dolar-pressiona-divida-e-derruba-lucro-das-empresas-em-70-no-trimestre,70003321722>>. Acesso em: 07 jul. 2020.; BRANDÃO, Raquel. Itens essenciais puxaram vendas da Klabin no 2º tri. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/08/06/itens-essenciais-puxaram-vendas-da-klabin-no-2o-tri.ghtml>> Acesso em: 10 ago. 2020.

Suzano: A Suzano teve um prejuízo de R\$ 13,4 bilhões no primeiro trimestre de 2020, por causa da forte desvalorização cambial em virtude da estratégia de *hedge* (proteção cambial) adotada. Diante disso, a comunicação da empresa com os investidores foi reforçada, para convencê-los da consistência de sua política financeira e corrigir eventuais comparações com a antiga Aracruz, cujas operações com derivativos tinham natureza e finalidade completamente distintas das que são executadas hoje. Na avaliação daqueles que defendem o modelo de proteção cambial da companhia, embora os derivativos limitem os ganhos com o real desvalorizado – a produtora de celulose e papel é grande exportadora, portanto, suas receitas são beneficiadas pelo dólar mais caro. No entanto, o problema dessa estratégia para os críticos é justamente o fato de a empresa não se beneficiar integralmente da desvalorização cambial, que tem sido importante atrativo para as ações nos últimos meses. Isso acontece porque o efeito caixa do *hedge*, mesmo que muito menor do que o efeito contábil, quando o real se deprecia, acaba anulando parte da melhora do resultado operacional. A desvalorização de quase 30% da moeda brasileira frente ao dólar, em tão pouco tempo, não fez com a Suzano mudasse sua estratégia de *hedge* até o momento. Ao fim de março, a dívida líquida da Suzano correspondia a 4,8 vezes o resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) em dólares, ainda refletindo o endividamento decorrente da compra da Fibria. A Suzano está se preparando para lançar novos produtos renováveis e consolidar-se como empresa de biomateriais, que vai além da cadeia de celulose e papel. Pretende substituir 10 milhões de toneladas de plásticos e derivados do petróleo por produtos de origem renovável até 2030. Fonte: FONTES, Stella. Hedge da Suzano protege balanço, mas divide opinião. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/05/27/hedge-da-suzano-protege-balanco-mas-divide-opinio.ghtml>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

International Paper: A Klabin vendeu a fábrica Nova Campina (SP) para a International Paper (IP) Embalagens, em março, para o grupo Klingele Paper & Packaging, por R\$ 132 milhões – no entanto a transação ainda depende da aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). Segundo a empresa, a venda da fábrica faz parte da estratégia da companhia em focar apenas nas unidades de embalagens de papelão ondulado e papel reciclado.

Irani Papel: A fabricante de papel para embalagens Irani Papel e embalagem emplacou a oferta de ações que há anos mantinha no radar, pavimentando o caminho para dois grandes projetos com a execução de investimentos que somarão R\$ 1,2 bilhão até 2025, além da migração para o novo mercado da B3. Essa mudança deve ocorrer em um prazo de seis meses, e assumidos como compromisso junto aos investidores na oferta subsequente (“follow-on”) de R\$ 405 milhões.

Fontes: FONTES, Stella. Klabin vende fábrica comprada da IP Embalagens em março por R\$ 196 milhões. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/06/24/klabin-vende-fbrica-comprada-da-ip-embalagens-em-marco-por-r-196-milhes.ghtml>>. Acesso em: 08 jul. 2020. FONTES, Stella. Irani abre caminho para plano de R\$ 1,2 bi. Valor, São Paulo, 24 de julho de 2020, B5.; FONTES, Stella. Royalties da Klabin desafiam BNDESPar. Valor, São Paulo, 23 de julho de 2020, B3.; FONTES, Stella. Suzano avança em bioeconomia e quer substituir o plástico. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/07/28/suzano-avanca-em-bioeconomia-e-quer-substituir-o-plastico.ghtml>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Exportação da Ibema: A fabricante de papelcartão, brasileira, a Ibema está exportando, pela primeira vez, 30% de sua produção. Suas vendas de janeiro a maio cresceram 25% em relação ao mesmo período do ano anterior. Este incremento pode ser explicado pelo câmbio favorável em conjunto com o crescimento do comércio eletrônico em todo o mundo, que demanda mais embalagens. A empresa fez investimentos em produção e na ampliação do portfólio, além de ter cortado custos para deixar seus itens mais competitivos.

Fontes: BARBIERI, Cristiane. Ibema, de papel cartão, aumenta em 25% as exportações de janeiro a maio. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/coluna-do-broad/ibema-de-papel-cartao-aumenta-em-25-as-exportacoes-de-janeiro-a-maio/>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

O SETOR DE EMBALAGENS

Embalagens: O setor de embalagens está sendo beneficiado pelo aumento das vendas de comidas por *delivery*, devido à pandemia do novo Coronavírus. A Associação de Bares e Restaurantes de São Paulo informa que 73% dos empresários do ramo aderiram ao *delivery*. Esse número ajudou a aquecer as vendas nas distribuidoras de embalagens. Por exemplo, as vendas de embalagens descartáveis de isopor, as populares marmitex, tiveram um aumento de cerca de 30%. Segundo os dados divulgados pela Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO), as vendas de papelão ondulado utilizados em embalagens – caixas, acessórios e chapas – cresceram 6,4% em junho de 2020, comparadas com junho de 2019, totalizando 291.837 toneladas. No semestre, a alta foi de 2,1%. A ABPO ressalta que este é o primeiro resultado positivo após dois meses de queda influenciada pela redução da atividade econômica durante o período da pandemia no Brasil. Na comparação entre os meses de junho, o resultado também é superior a todos os anos, com exceção de 2018. Fontes: HOLTZ, Fabiana. ABPO: Venda de papelão ondulado cresce 9,6% em junho ante maio. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/07/10/abpo-venda-de-papelao-ondulado-cresce-96-em-junho-ante-maio.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2020.; ANJOS, Marcus; LEAL, Patrícia. Com intensificação do *delivery*, setor de embalagens vê vendas crescerem. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2020/06/23/com-intensificacao-do-delivery-setor-de-embalagens-ve-vendas-crescerem.ghtml>>. Acesso em: 08 jul. 2020.; VALOR ECONÔMICO. Embalagem de papelão cai. Destaques. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/05/14/481dc216-destaques.ghtml>>. Acesso em: 08 jul. 2020.; OLIVEIRA, Eulina. Venda de papelão ondulado cresce 1,9% em março, diz ABPO. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venda-de-papelao-ondulado-cresce-1-9-em-marco-diz-abpo,181698e>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

PRODUTOS DE PAPEL

IPO: A Kalunga, rede de material para escritório, está em processo inicial para abertura de capital. As empresas de varejo e construção civil lideram as ofertas na bolsa após a pandemia, sejam iniciais ou novas emissões, segundo comunicados na CVM (Comissão de Valores

Mobiliários). Nesse cenário, as ofertas avançam especialmente em setores resilientes do comércio, como farmácias e negócios com braço *on-line* mais estruturado. A rede Kalunga avalia a IPO como forma de acelerar os investimentos, uma vez que a pandemia da Covid-19 levou a um crescimento da demanda nas lojas por conta do “home office”. Por isso, a rede acredita que o negócio tem uma nova perspectiva de expansão com o aumento do isolamento social. Fonte: MATTOS, Adriana; LUIZA FIGUEIRAS, Maria Luíza. Redes Kalunga, Havan e Nissei avaliam oferta inicial de ações. Valor, São Paulo, 25, 26 e 27 de julho de 2020.

MERCADO EDITORIAL

O mercado em 2019: A pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial mostra um crescimento real de 6,1% no faturamento das editoras e de 12,37% no volume de vendas em 2019, fechando o ano com o faturamento de R\$ 5,67 bilhões. A pesquisa ainda aponta que sem poder contar tanto com Cultura e Saraiva, o mercado precisou procurar canais alternativos para vender seus livros. Por isso, a participação das livrarias exclusivamente digitais na venda das editoras saltou de 3,4% em 2018 para 12,7% em 2019. O volume de vendas nas escolas cresceu de 1,8% para 5,9%. Já a venda por internet e em *marketplace* cresceu de 0,74% para 5,2%. Já a venda em livrarias físicas, que já tinha despencado em 2018, fechou o ano passado respondendo por 41,6% do faturamento das editoras (era 50,5% em 2018). Segundo Mariana Bueno, consultora da Nielsen Book e responsável pela pesquisa, o ano de 2019 foi bastante positivo e vai dar fôlego para as editoras passarem por este 2020 de pandemia. Segundo Marcos da Veiga Pereira, presidente do SNEL, ainda é cedo para calcular o impacto da pandemia no faturamento das livrarias, mas sabe-se que o setor já acumula perdas de 13%. Entretanto, somando os dados de 2019 aos dos anos anteriores, o mercado editorial encolheu 20% desde 2006 – com a crise se acentuando depois de 2015. Os organizadores da pesquisa desmembraram os dados em dois períodos (2006-2014 e 2014-2019), e suas análises confirmam que os negócios começaram a sair dos trilhos logo após o fenômeno do livro de colorir, que não foi substituído por nenhuma outra

tendência, e na esteira da crise macroeconômica. No período em análise, os livros Científicos, Técnicos e Profissionais (CTP) têm sido os mais afetados, com perdas de 41% nas vendas ao mercado nos últimos 14 anos. Até 2014 esse tipo de livro teve crescimento nas vendas, impulsionado pelos investimentos no ensino superior, crescendo 17%. Após essa data, por causa da desaceleração do investimento em educação e das mudanças tecnológicas, a queda foi de 50%. Os livros religiosos foram os únicos que registraram crescimento, que nesse período foi de 2%, quando consideradas as vendas para o mercado. O livro didático tem cerca de 50% do seu faturamento vinculado a compras públicas, e estas tiveram um encolhimento de 8% de 2006 a 2019, já em vendas para o mercado a queda foi de 23%. Fonte: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2020/06/Produ%C3%A7%C3%A3o_e_Vendas_2019_imprensa_.pdf

O mercado em 2020: Segundo a Nielsen, o varejo de livros registrou queda de 12,3% no acumulado de (30/12/2019 a 14/06/2020), em relação a (31/12/2018 a 16/06/2019). Em se tratando de faturamento o declínio foi de 11,7%. Para a Nielsen, as livrarias estão conseguindo, com mais ou menos dificuldade, passar pela Covid-19, algumas companhias livreiras até já se preparam para a reabertura. A Saraiva vai fechar cerca de sete lojas e pode chegar ao fechamento de 19. A Cultura, por sua vez, tenta negociar com editoras outra forma de voltar a ter crédito com elas e livros para vender, propondo dividir o pagamento na hora, o Split, com uma porcentagem extra para amortecer a dívida recente. Entretanto, outros livreiros usaram a criatividade para seguir vendendo. Mesmo com as portas fechadas, utilizaram o WhatsApp, investiram no *e-commerce*, aprenderam a fazer marketing digital, portanto, ouviram o cliente. Outra alternativa para amenizar o caixa das companhias foi dar férias aos funcionários, reduzir jornada e salário. Para a Martins Fontes, a reabertura não levará a movimentos nas livrarias muito diferentes dos que se viam antes do novo Coronavírus. A aposta continua a ser no *e-commerce*, que já era importante para a empresa, no serviço de televendas, que criou agora e em *marketplace*. A rede planeja investir mais em infraestrutura



, logística, comunicação e marketing digital.

Fontes: FERNANDA RODRIGUES, Maria. Mais conectadas, livrarias avaliam impacto das portas fechadas e preparam reabertura. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,mais-conectadas-livrarias-avaliam-impacto-das-portas-fechadas-e-preparam-reabertura,70003324855>>. Acesso em: 09 jul. 2020.; FERNANDA RODRIGUES, Maria. Menos dependente de livrarias físicas, mercado editorial registra ano melhor em 2019. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,menos-dependente-de-livrarias-fisicas-mercado-editorial-registra-ano-melhor-em-2019,70003328145>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

Livros mais vendidos: Segundo *ranking* feito pela Nielsen, a pedido do Estadão, dos 15 livros mais vendidos no Brasil de 23 de março até 12 de julho, durante a quarentena, 10 são de autoajuda, sobretudo financeira, dois são de ficção. Fontes: FERNANDA RODRIGUES, Maria. Os mais vendidos. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 30 de julho de 2020, H1.; KOIKE, Beth. Vendas de livros clássicos sobre epidemias e distopias disparam. Valor, São Paulo, 17 de julho de 2020, B4.

Crise nas editoras: Em abril, cerca de 21 editoras entraram com pedido na Justiça para que a Livraria Saraiva devolvesse parte dos livros que haviam sido consignados, uma prática tradicional no mercado editorial, e não vendidos. Entre elas estão a Companhia das Letras, Sextante, Planeta, Melhoramentos, Globo, Nova Fronteira, Intrínseca e Gente. A Saraiva, por sua vez, recorreu, alegando que sem esse estoque seu negócio, que já vai mal, fica ainda mais comprometido. No entanto, a justiça rejeitou o pedido da rede, e segundo a decisão do desembargador Cesar Ciampolini, da 1.ª Câmara de Direito Empresarial, a Saraiva terá de devolver metade do estoque consignado que está nas lojas e metade do que está guardado em seu depósito,

em Cajamar. Em julho de 2020, a rede de livrarias a apresentou ao juiz da 2ª Vara de Falências de São Paulo um aditivo ao seu plano de recuperação judicial, para que a assembleia de credores da empresa livreira possa autorizar a venda de lojas da firma nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e outras regiões, como forma de gerar caixa para manter as atividades. Fontes: FERNANDA RODRIGUES, Maria. Livraria Saraiva perde de novo na Justiça e vai ter que devolver 50% do estoque consignado de 21 editoras. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/livraria-saraiva-perde-de-novo-na-justica-e-vai-ter-que-devolver-50-do-estoque-consignado-de-21-editoras/>>. Acesso em: 09 jul. 2020.; RAVAGNANI, Allan. Rede de livrarias Saraiva propõe venda de lojas. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/07/07/rede-de-livrarias-saraiva-propoe-venda-de-lojas.ghtml>>. Acesso em: 09 jul. 2020. livros clássicos sobre epidemias e distopias disparam. Valor, São Paulo, 17 de julho de 2020, B4.

Edição: Nº 7 | Agosto de 2020
Referente a janeiro a junho de 2020
Elaboração: Websetorial Consultoria Econômica
www.websetorial.com.br

